

## Uma experiência na disciplina de Metodologia da Educação Artística

An experience in the discipline Methodology of Artistic Education

Celina Bittencourt de Mendonça Campos  
Mestre  
Professora de Artes Plásticas do  
Colégio de Aplicação  
Fernando Rodrigues da Silveira - UERJ

Este é um relato de trabalho realizado na disciplina de Metodologia da Educação Artística com alunos do Curso de Pedagogia - Magistério das Séries Iniciais do 1º Grau, da Faculdade de Educação da UERJ. O curso tem como alunos professores que estão trabalhando em escolas de ensino básico na maior parte da rede pública.

A característica desse curso de Pedagogia é a grande oportunidade que o professor das disciplinas de Metodologia tem para verificação da teoria e das propostas apresentadas, pois estas podem ser experimentadas com diferentes turmas de crianças de classe popular que freqüentam as escolas de ensino básico. É possível, portanto, obter dados sobre os encaminhamentos que os alunos-professores deram a questões apresentadas e quais as discussões realizadas e respostas obtidas dos alunos de suas turmas, observando-se a grande diversidade e multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem. As

informações trazidas podem ser discutidas em aula, verificando-se procedimentos, interesses, dificuldades, tendo-se o cuidado de não oferecer respostas prontas, mas atitudes de troca de experiências, leituras e busca contínua de construção em conjunto.

Dar aulas para o grupo de alunos-professores foi muito enriquecedor, pois trouxe um contato com vivências e experiências diversificadas, com alunos-professores sem formação específica em Educação Artística, alguns mais sensibilizados para a disciplina, outros mais resistentes.

O planejamento foi organizado a partir da vivência de algumas atividades, da reflexão e da observação de trabalhos de seus alunos e de pesquisa a respeito de questões estéticas referentes aos ambientes familiar e escolar, apresentando-se imagens (de livros, de revistas, jornais) que poderiam ser lidas, discutidas e aproveitadas em outros trabalhos; discussão de textos sobre os objetivos da Educação Artística e um trabalho individual a partir de uma obra

de arte, que resultou em uma exposição dos trabalhos plásticos realizados, o relato do processo vivenciado, a significação do trabalho para cada um, os elementos formais e conceituais contidos no produto final (a obra de cada um) e o desdobramento da atividade, com integração com outras áreas do currículo.

A atividade prática foi utilizada como um meio para a turma atingir a teoria pois, vivenciando o processo, o interesse poderia ser despertado e facilitaria a compreensão do processo criativo da criança, desenvolvendo também as possibilidades de observação, interpretação, seleção, criação e reflexão. Ficou mais uma vez verificada a importância da vivência do processo pelo professor, como relata Abramovich (1985), "permitir ao aluno-professor que passe por todos os passos do seu próprio processo criativo".

É nesta caminhada vivida, sofrida, inquietada, sorridente, reveladora, que ele, o aluno-professor, vai poder constatar onde estão as suas dificuldades pessoais e particulares, os empecilhos, os atritos, as impotências, o se deparar com o não saber fazer algo que se tinha proposto, a frustração perante o realizado, a dificuldade com o grupo junto ao qual está fazendo esta ou aquela atividade, a perplexidade perante seu processo, a sua dificuldade em se auto-avaliar, enfim, tudo

o que acontece quando um ato criativo está em andança (1985).

A obra utilizada (reprodução) foi "Mulheres comprando peixes", de Di Cavalcanti.

Estudou-se sobre o artista e foram observados: tema, cores, planos, espaço, solicitando-se ao grupo de alunos desenhar livremente alguns elementos que cada um achasse mais interessante ou o conjunto da obra, em uma releitura. Lanier (1997) aponta que cada pessoa tem seus próprios interesses estéticos e, a partir deles, é possível explorá-los, levando-a a envolvimento mais amplos.

A princípio, houve alguma reação: Não sei desenhar! Sabendo das dificuldades normais que os adultos têm ao receberem tal proposta, o comportamento adotado foi de incentivo às tentativas, sendo que cada qual deveria buscar o que mais lhe interessava. Alguns relatos que apontam o interesse : "Ao tomar contato com a figura apresentada, me impressionou um peixinho do lado direito da mesma e resolvi fazer a história desse peixinho."

"Uma coisa que também me chama muita atenção são os traços curvilíneos das figuras de alguns pintores, que representam os seus personagens com figuras bonachonas e simpáticas. Estas características obviamente me influenciaram e me fizeram produzir um trabalho feito apenas com linhas, que eu quis

valorizar. Não senti necessidade da cor, do colorido, pois acho que quebraria com meu objetivo de valorizar as linhas”.

Após a primeira observação da obra e das primeiras tentativas de captar aspectos da imagem apresentada, foi liberada a utilização de técnicas para a realização do trabalho individual, que teve um registro escrito sobre o processo vivenciado para chegar ao trabalho final e aos conceitos descobertos no trabalho. Nos relatórios, observou-se grande diversidade nos caminhos intuitivos, verificando-se, segundo Ostrower (1978), que

Além dos impulsos do inconsciente, entra nos processos criativos tudo o que o homem sabe, os conhecimentos, as conjeturas, as propostas, as dúvidas, tudo o que ele pensa e imagina. Utilizando seu saber, o homem fica apto a examinar o trabalho e fazer novas opções“(p 55).

Uma das alunas registrou: “Num primeiro momento, com muito receio de não sair bom o desenho, ou seja, a cena capturada, percebi que não me soltei o suficiente. Já num segundo momento, senti necessidade de ‘colocar coisas’ na cena que antes não estavam lá, até mesmo inventei detalhes e dei toda uma conotação diferente, totalmente diferente, totalmente pessoal e peculiar à

minha vivência (história de vida)”.

“Ressalto o quanto foi agradável e não frustrante esta experiência para mim, uma vez que houve um crescimento e todo um envolvimento sentimental na atividade desenvolvida na sala de aula”.

Outras observações: “A brasilidade de Di Cavalcanti me atrai em demasia. E foi exatamente essa brasilidade, essa morenidade que levou-me a um outro Brasil. O Brasil da caatinga, nordestino, da mulher ‘macho’ que, para sobrevivência, precisa incorporar tal adjetivo”.

“... resolvi transformar os personagens e colocá-los em outro contexto. E fiquei pensando... que contexto? Fórmula 1 (morte do Ayrton Senna), seca do Nordeste, professores em reunião, crianças na sala de aula? Mas o que estariam fazendo? Foi então que lembrei que os meus alunos adoram jogar futebol ... e decidi fazer três crianças conversando sobre futebol à beira do campo; procurei retratar o sorriso do personagem e sua cesta...”.

“A partir da pintura apresentada procurei reproduzir alguns detalhes, como uma das mulheres, carregando peixes e criei uma fala para ela.

Num segundo momento, utilizei essa mesma figura e a coloquei em um novo contexto. Imaginei que esta mesma mulher poderia ser empregada de um castelo e que levaria na

cabeça, ao invés de um cesto com peixes, um jarro d'água".

Algumas alunas ficaram bastante sensibilizadas com os elementos básicos das Artes Visuais: "As cores no meu trabalho, percebo como o mais forte. Isso deveu-se, principalmente, pela fortíssima presença do sol na região [...] Percebo as linhas com traços marcadamente fortes oriundos das sombras".

"Pensei então em desmontar o desenho. Em seguida comecei a brincar com as linhas. Fiz linhas curvas, tracejadas, quebradas, etc. Percebi que as linhas curvas me lembravam formas humanas. Desenhei um cesto para cada forma. As linhas fechadas me deram a impressão de que poderiam ser utilizadas como cabeça, que eu preferi deixar soltas, livres do corpo. Com as linhas sinuosas tentei mostrar que os desenhos estavam em planos diferentes. Usei as cores sem me preocupar com efeitos ou combinações.

Somente o azul foi intencional. Escolhi-o porque lembrei-me do céu e achei que poderia transmitir a sensação de paz e liberdade para aquelas cabeças".

"Tomando como base as formas do trabalho de Di Cavalcanti, fiz uma paisagem utilizando alguns elementos do mesmo. As nuvens simbolizam os corpos das mulatas, devido às suas curvas. Os barcos foram feitos inspirados



Di Cavalcanti. Mulheres comprando peixes

nos cestos que as mulatas trazem sobre suas cabeças. Dessa forma, a partir de elementos de um determinado desenho, há a possibilidade de se criar outros desenhos que podem traduzir ou não o tema do desenho original".

Durante o processo de trabalho, ficou evidenciado que as dificuldades podem ser contornadas e os alunos podem ser incentivados pela ação do professor, que observa, discute, estimula, pergunta, sempre com uma atitude positiva para a realização do trabalho, incutindo-lhes a coragem de entrar

em contato com idéias, formas, linhas, cores, com questões pessoais, sociais, estéticas.

Alguns registros: “Passei por dois processos: o da angústia, do medo, e o outro, do desbloqueio, levando-me a sentir-me mais segura. O da angústia foi quando a professora lançou a proposta. Sempre vesti a camisa do ‘não sei desenhar’ e, só em pensar em ter que fazê-lo, a idéia já me assustava.

Depois entrei no outro processo, o do desbloqueio. Ao poucos fui tentando fazer, segui a sugestão de observar, o que você quer desenhar (os prédios) e fui indo, descobrindo que era capaz, deixando de lado o medo do ‘não sei fazer’ e recriando a obra de arte. A cada passo conseguido dar, foi-se tornando uma realização e quando o produto final estava na frente dos meus olhos fiquei muito satisfeita e feliz comigo mesma.

O efeito que a proposta causou em mim foi muito bom, fez com que eu passasse a acreditar mais na minha capacidade criativa”.

“Ao sentar para fazer o registro, me reportando às aulas passadas de Educação Artística, o que mais grita na minha memória é a paixão que senti ao ser solicitada a desenhar o que eu sentia a partir de uma determinada pintura apresentada. A minha limitação era total e eu não conseguia nem pensar em tentar, pois achava que teria que reproduzir

aquele desenho, quando não conseguia ao menos fazer um risco em linha reta.

Foi nesse momento que a intervenção da professora foi fundamental, pois me incentivou, me desbloqueou ao conscientizar-me que criar é próprio e individual, é particular, é único, é diferente de copiar.

Essa colocação foi talvez mais importante para a professora N. do que para a aluna N., ou talvez tenha sido mais importante para a pessoa N. do que para a profissional. Pois, a partir dali, eu consegui olhar os anseios e bloqueios dos meus alunos de forma diferente, e descobri que o tipo de intervenção que devo fazer é super importante”.

“Inicialmente não queria fazê-lo, pois não sei desenhar. Quando chegamos à sala de artes percebi que poderia tentar, afinal a todo instante a professora nos motivava, nos mostrava que não existe o não saber, eu estava agindo igualzinho às minhas crianças. Então, resolvi tentar e comecei a observar a pintura exposta”.

Foi possível também observar relatos de alunos que fizeram algumas sínteses sobre os objetivos da Educação Artística.

“Acredito que a Educação Artística, nas suas mais variadas formas de atividades, pode contribuir para dinamizar o processo de ensino e auxiliar o aluno em seu próprio ritmo de desempenho.

Vivi, na experiência de realizar o trabalho artístico proposto a partir da observação da gravura, toda a sensação de produzir atendendo necessidades, percepções e motivações, o que, naquele momento da criação, me proporcionou grande prazer em realizar”.

“Muito importante se torna, a meu ver, a valorização (incentivo) do trabalho do aluno pelo professor.

Através do trabalho de Artes, poderemos levar o aluno a crescer externando algo de si mesmo, de suas experiências, de sua comunidade, formar novos conceitos de vida e até manifestar suas aptidões artísticas”.

“O processo vivido durante a realização do trabalho foi de observação, tentativas e recriação”.

“É interessante como na etapa seguinte à da observação é que se percebe a sua importância. É ao tentar reproduzir que se nota conceitos como figura/fundo, proximidade/afastamento, ritmo, cores. E é com base neles que se consegue recriar.

Esse processo se dá no desenho, mas não só nele, se estende a toda uma prática, como a do professor, que se dá através de constantes recriações na tentativa atual de se afastar a reprodução da escola”.

O procedimento adotado na disciplina Metodologia da Educação Artística mostrou-se eficaz, atendendo aos objetivos

propostos, principalmente pela vivência da atividade e da reflexão sobre o processo e o produto realizado, pois, como Barbosa (1984) aponta, “a arte da criança e do adulto compartilham de uma mesma natureza, de uma mesma gênese epistemológica”.

Verifica-se a relação prática-teoria-prática recriada, mostrando as possibilidades de modificações, desdobramentos e integrações que podem atender às peculiaridades do alunado.

A reflexão permitiu maior flexibilidade para que as alunas do curso percebessem os objetivos da Educação Artística e buscassem adequar procedimentos às necessidades dos diferentes grupos de alunos, dando maior segurança e autonomia às professoras-alunas. Espera-se, dessa forma, que haja maior criatividade no trabalho pedagógico, levando o professor a, através do desenvolvimento da sua sensibilidade, observar as características de suas turmas, da comunidade e encontrar as melhores condições de proposição de atividades que conduzam à alfabetização estética, à expressão, à aprendizagem integrada, contextualizada, evitando a acomodação a planejamentos prontos e “receitas” de técnicas em que não acredita e realiza apenas por obrigação.

É também preciso destacar que não cabia ao curso um aprofundamento maior

em Arte, mas a sensibilização e um conhecimento da necessidade da arte na vida e na escola.

*cessos de Criação*. Petrópolis, Vozes, 1978.

#### Bibliografia

- ABRAMOVICH, Fanny. *Quem educa quem*. S.P., Summus Editorial, 1985.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação: conflitos e acertos*. São Paulo, Max Limonad, 1984.
- FERRAZ, Maria Heloísa e FUSARI, Maria F. *Metodologia do Ensino da Arte*. São Paulo, Cortez, 1991.
- LANIER, Vincent. Devolvendo arte à arte-educação. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte-Educação: Leitura no subsolo*. São Paulo, Cortez, 1997.
- MAY, Rollo. *A coragem de Criar*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Pro-*